

Os Simpsons - O Filme: questões ecológicas em foco

Carolinne dos Santos Braz¹

Lucia Estevinho Guido²

Viver em uma sociedade do espetáculo significa consumir não somente mercadorias, mas também os símbolos e códigos que algumas imagens carregam (Débord, 2003). Sabendo que somos todos consumidores – da criança ao idoso – e que as imagens têm especial poder de sedução sobre nós, temos que estar atentos e críticos aos significados e discursos embutidos nas imagens, principalmente aquelas com as quais temos contato por períodos consideráveis ao longo dos dias: as veiculadas nas mídias televisivas e cinematográficas. Confirmando a forte influência das mídias sobre nossas vidas, Moreira (2003, p. 1.211) afirma que “o sistema midiático se tornou nas sociedades modernas talvez o principal fator gerador e difusor de símbolos e sentidos”.

Esse poder de gerar e difundir sentidos e conceitos torna-se especialmente delicado quando o espectador em questão é o grupo infanto-juvenil, uma vez que a sociedade do espetáculo é também uma sociedade da violência e, conseqüentemente, do medo. Assim as crianças e os adolescentes são – para conforto dos pais – mantidos dentro de casa, cabendo especialmente à televisão e ao computador o papel de distraí-las. Diante de tal realidade, esse grupo passa muito tempo em frente aos meios

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: carolinnebraz@hotmail.com. Bolsista CAPES.

² Docente do Instituto de Biologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: luciag@umuarara.ufu.br. Coordenadora do Laboratório Mídias, Museus, Ciência, Culturas e Educação - MMUCCE.

de comunicação e são, constantemente, bombardeados pelas mídias. Estudos realizados por pesquisadores que estudam a presença da televisão na vida das pessoas e sua interferência na educação têm demonstrado essas questões. Baccega (2003, p. 95) verificou que a televisão tem compartilhado com a escola e com a família os processos de formação do indivíduo, uma vez que “o tempo de exposição das pessoas à televisão costuma ser maior do que o destinado à escola ou à convivência com os pais.”

No campo da comunicação, Lange e colaboradores (2009, p. 36) verificaram que:

Muitas crianças de hoje nascem num mundo envolto em tecnologia e se relacionam intensamente com ela, seja na figura da TV, do computador, dos celulares, dos videogames ou de tantos outros – e, conseqüentemente, se relacionam também com a publicidade veiculada nessas mídias, em especial a TV, veículo publicitário mais utilizado para alcançar o público infantil.

Se alcançar o público infanto-juvenil é fácil por meio das mídias televisivas e cinematográficas, mais fácil é seduzi-lo em meio a tantos recursos e “magias” audiovisuais de que dispõem tais artefatos. Dessa forma, partir da sedução para a introspecção de representações e discursos é um trajeto bem curto. A indústria midiática atua na formação não somente de consumidores, mas também de indivíduos com identidades relativamente padronizadas e normatizadas, que seguem valores preestabelecidos, ou seja, os sujeitos – adultos, jovens e crianças – da sociedade contemporânea respondem, de forma relativamente semelhante, a alguns temas como: pluralidade cultural, orientação sexual, meio ambiente, dentre outros. Inspirada em Hall, Kindel (2003) argumenta que os sujeitos partilham os mesmos códigos culturais o que permitem interpretar, de forma semelhante, os símbolos da sociedade em que vivem e – por que não dizer – das mídias ali veiculadas.

Segundo Kindel (2007, p.226), as crianças e os jovens não aprendem apenas na escola “pois o verdadeiro bombardeio que as representações construídas por várias instâncias da mídia fazem nas sociedades acaba tendo um papel pedagógico bem mais ativo que o das tradicionais instituições de ensino”. Diante da importância e poder da mídia na construção identitária do sujeito, é imprescindível voltar nossa atenção em como utilizá-la em favor da educação e da sociedade, por meio de uma educação na e para a mídia.

Assim, alguns temas polêmicos e/ou complexos podem ser melhor discutidos quando acompanhados com os recursos da mídia televisiva e cinematográfica. Alguns artefatos, como desenhos animados, noticiários, novelas, revistas etc., podem, de acordo com Wortmann (2007, p. 188), exercer papéis educativos mesmo que suas criações sejam “movidas por interesses de outras ordens – literários, religiosos, de entretenimento ou comerciais”.

Nos dias atuais, um tema em grande destaque na sociedade e na mídia é a questão ambiental, devido, entre outros fatores, ao consumo exagerado dos recursos naturais, destino dos resíduos industriais, além de problemas como poluição, contaminação e desperdício. Guido e Bruzzo (2008, p. 44), em estudo realizado a respeito do uso de imagens nas aulas de Ciências, afirmam que “atualmente a ecologia é tema privilegiado pelos meios de comunicação, a noção de ‘crise ecológica’ domina o noticiário, sendo tal abordagem elegida pela própria mídia como o enfoque ecológico mais importante”. A instituição escolar não pode ficar fora de tais debates e discussões, deve introduzir nas práticas pedagógicas as informações veiculadas nos mais diversos setores dos meios de comunicação, incluindo a mídia audiovisual. Dentre os diversos artefatos produzidos pela mídia destacamos neste trabalho o cinema de animação, pela sua presença marcante no cotidiano dos jovens e crianças.

A água, elemento indispensável à vida, tem merecido destaque nos meios de comunicação que denunciam sua poluição e uso indevido. A discussão dessa temática na mídia é apresentada nos mais diferentes artefatos culturais, tais como: jornais (impresso e televisivo), revistas, programas de TV, filmes (documentário, ficção, animação) dentre outros. Neste artigo, apresentaremos como a animação *Simpsons*, o filme discute as questões ecológicas relativas à água.

Conhecendo o objeto de estudo – *Os Simpsons*

O longa metragem, *The Simpsons Movie*,³ é o resultado da comemoração de 20 anos da série – de sucesso – idealizada por Matthew Abram Groening “no fim da década de 1980, quando ele produzia tiras em quadrinhos sob o título de *Life in Hell*”, mas foi James L. Brooks quem criou os personagens e os lançou na TV em 17 de dezembro de 1989 (Barth, 2010, p. 2).

³ Esse filme foi lançado em 2007 nos Estados Unidos sob direção de David Silverman.

Decifrando as questões ecológicas e os códigos culturais na família *Simpsons*

O filme *Os Simpsons* narra a problemática ambiental e social ocorrida em uma pequena comunidade, *Springfield*, após a poluição do lago local que abastece o município. A primeira cena que mostra esse conflito é um festival de música, com a participação da banda *Green Day* no qual, aparentemente, toda a população está presente e se divertindo. Em certo momento a banda diminui o som da música e o vocalista, agradecendo a presença de todos, diz que depois de tocar por “três horas e meia” solicita um minuto da atenção para falar sobre o meio ambiente. A população, que estava cantando e dançando, passa repentinamente para uma posição inerte. A imobilidade é acompanhada de um silêncio, que dura apenas alguns segundos, pois logo em seguida todos os presentes no show atacam os componentes da banda com garrafas, latas de cerveja e refrigerante, copos plásticos e pedras, acusando-os de serem “moralistas”. Como o palco foi construído dentro do lago, todos esses resíduos imediatamente são a ele destinados, contribuindo ainda mais com a poluição. O ataque permanece até que o lago fique tão poluído a ponto de corroer as estruturas de sustentação do palco e o engolir, juntamente com a banda.

A única moradora da cidade que demonstra preocupação com o meio ambiente e não participa do ataque é Lisa Simpson. Tal atitude condiz com sua personalidade extremamente correta, marcada por ser uma “pensadora analítica, ativista e defensora dos direitos humanos e da dignidade” (Franzão, 2009, p. 52).

A cena anteriormente descrita passa um discurso de que preocupações ambientais são assuntos secundários frente à oportunidade de diversão, ou seja, eventos de entretenimento (como um festival de música) não podem ser interrompidos para debater “assuntos sérios” sobre temas que todos já sabem – uma vez que a questão ambiental já é bastante debatida na mídia e parece que os moradores da cidade não dão a menor atenção a essa problemática. A leitura de Michel Foucault (2005) sugere uma interpretação das questões ambientais a partir da crítica que ele fez da assimilação alienada do discurso científico:

Trata-se de uma insurreição dos saberes. Não tanto contra os conteúdos, os métodos ou os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores

de poder que são vinculados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa (Foucault, 2005, p. 14).

1208
1207
X
Uma análise mais profunda sobre a cena descrita permite dizer também que o não envolvimento dos personagens com assuntos ambientais validados pelo discurso da ciência seja um posicionamento contra o discurso de poder que muitas vezes acompanha o discurso ecológico. Ou seja, é possível fazer várias leituras em relação à reação dos personagens frente às questões ambientais, o que torna a cena e o filme muito interessantes.

1207
Em uma sequência do filme, observamos também uma abertura para diferentes interpretações por parte dos espectadores. Na cena em questão vemos a imagem da banda de música e do palco sendo “engolidos” pelo lago após o lixo ser jogado nesse local. Podemos interpretar a sequência como uma representação de uma natureza vingativa e que, por isso, deve ser temida. Guido e Bruzzo (2008, p. 46) denunciam que uma das formas de sensibilizar os indivíduos para as questões ambientais é “por meio do medo de uma suposta revolta da natureza através das catástrofes ambientais”. Ao tratar a cena como uma catástrofe, o filme se alinha ao discurso que notadamente encontramos na mídia, um discurso que espetaculariza, podendo afastar as pessoas da vontade de combater tais problemas. Ou, por outro lado, ao adensar a mensagem com os elementos (palco, lixo, personagens da banda de música) que são engolidos por um redemoinho, ridiculariza e exagera na composição da cena exibindo no filme uma crítica à espetacularização das questões ambientais.

Na cena seguinte, que aborda mais diretamente sobre a temática água, a personagem Lisa Simpson tenta sensibilizar os habitantes de Springfield sobre a importância e urgência em salvar o Lago Springfield. Para isso, ela percorre todas as casas conversando pessoalmente com os moradores. Mas todas as portas se fecham assim que a palavra lago é pronunciada. Essa atitude dos habitantes da cidade mostra que os personagens não estão interessados nas informações relativas às questões ambientais, preferindo não ter que assumirem responsabilidades frente à sociedade e ao ambiente. A não atenção demonstra não somente uma rejeição ao tema natureza como à própria pessoa, nesse caso a personagem Lisa, passando a ideia de que a sociedade representada pelos moradores de Springfield se diverte a partir “de suas [da personagem Lisa] atitudes

melhor e bonito

extremamente corretas em um mundo marcado pela corrupção, hedonismo e busca pelo poder” (Franzão, 2009, p. 53). A comicidade da cena mais uma vez nos leva a pensar na possibilidade de que o espectador, acompanhando os personagens, é conduzido a se divertir de suas próprias posições, o que pode determinar um posicionamento diferente do usual frente às questões ecológicas.

Em uma cena em que Bart Simpson percorre as ruas da comunidade de skate – com os objetivos de vencer uma aposta realizada com seu pai e chocar a sociedade, já que ele é “um personagem estereótipo da rebeldia e experimentação do mundo que o cerca” (Franzão, 2009, p. 52) – nota-se que o foco é composto por imagens de consumo irresponsável e desperdício de água: poça de água acumulada próxima à calçada, indicando falta de escoamento; um hidrante derramando água pela calçada que se acumula na rua; um aspersor de jardim ligado – provavelmente sem limite de tempo – com água se acumulando pelo gramado. Porém, incoerentemente, toda a cidade é apresentada com uma “natureza” sempre presente e bem cuidada: as ruas são bem arborizadas, calçadas gramadas e floridas – até quando os personagens estão dentro dos estabelecimentos comerciais e residenciais é possível notar a presença da natureza pelas janelas que, constantemente, mostram os quintais e jardins repletos de árvores, o que nos faz questionar: como pessoas que não se preocupam com a qualidade do lago que abastece a comunidade e com o desperdício de água, poderiam se preocupar em preservar o ambiente verde urbano? O público infanto-juvenil pode não fazer esse questionamento e receber as imagens imbuídas de significados, tais como: de que a natureza nos é dada gratuitamente, mesmo nos centros urbanos e, independentemente de nossas atitudes, ela irá permanecer sempre ali e da mesma forma – bela e intocada! O filme ao mostrar essa contradição denuncia o descaso das pessoas, que muitas vezes defendem o verde, apenas como “fachada”, pois não há uma ação em sua defesa.

Retornando ao filme, uma lembrança de Bart nos leva até ao lago em um episódio em que ele pescava com seu pai, Homer Simpson. Nessa cena é possível perceber que o lago possui águas claras e límpidas mostrando que a poluição é bem recente, uma vez que a lembrança também o é. Mas o que poderia ter modificado cultural ou socialmente nessa comunidade para que houvesse uma mudança de atitude tão drástica em relação àquele recurso hídrico? Talvez a resposta para essa pergunta esteja no fato de que a comunidade de *Springfield* atende fortemente às exigências do mundo

capitalista, ou seja, precisa consumir sempre mais e, conseqüentemente, produzir cada vez mais resíduos. Talvez por isso, o lago tenha se tornado – em um intervalo tão curto de tempo – uma importante alternativa para depósito de dejetos.

A seguir, Bart volta ao lago, no momento presente, novamente para pescar. A princípio temos a impressão de que as águas estão limpas, mas logo uma corrente de água escura e densa se mistura à corrente clara. A cena então é levada até as origens da sujeira: despejo de gordura saturada por meio de um caminhão, provavelmente de alguma indústria; uma senhora dando “banho” em gatos. Lisa Simpson, que assiste a tudo, fica irritada – reafirmando seu enorme senso crítico e político – e resolve convocar a comunidade para uma reunião sobre a urgência em salvar o Lago Springfield. Nesta, ela discursa sobre os dados quantitativos e qualitativos alarmantes do recurso hídrico, trazendo com esses dados o discurso científico em relação às questões ecológicas. A princípio a atenção dos presentes é sempre desviada para pequenos artifícios que vão aparecendo e se mostrando grande o suficiente para mudar o foco dado ao meio ambiente. Assim não sabemos se a intenção é mostrar o descaso dos personagens com relação ao ambiente ou se o discurso de cunho ecológico é tratado como um discurso do poder da ciência, que pode afastar as pessoas das decisões, mais do que aproximá-las. O enredo (questões ambientais) trabalhado no filme estaria trazendo um posicionamento contra o discurso de poder? Esse posicionamento é a marca do seriado *Os Simpsons*?

No filme, o discurso insistente da personagem Lisa vence e ela consegue fazer com que a cidade, por determinação política pare de contaminar o lago e trabalhe, coletivamente, na despoluição deste. Além do trabalho coletivo é também construído um muro no entorno do lago para evitar que as pessoas se aproximem desse lugar com más intenções. Essa imagem é um símbolo de que, mesmo que toda a população tenha trabalhado coletivamente para retirar os resíduos do lago, não se pode confiar que, individualmente, ela não irá continuar despejando seus dejetos naquele local. Tais soluções encontradas para o problema da poluição do lago são ações imediatas e em curto prazo, não se baseiam em mudanças efetivas na concepção individual dos moradores da comunidade, é o que filme mostra.

Uma das sequências mais importantes do filme envolve o personagem central do seriado: Homer Simpson. Este a pedido – quase uma ordem – de sua esposa, Marge Simpson, leva os dejetos de seu porco para o Centro de Tratamento de Detritos Tóxicos. Lá é possível perceber a

VERDADE INCONVENIENTE

quantidade de carros lotados de resíduos, o que nos mostra que somente depois da proibição – e impedimento, com a construção do muro – de “jogar lixo no lago” é que os personagens passaram a levar seus resíduos até esse local de tratamento. Mas Homer, ao ver uma enorme fila, muda seu trajeto porque tem um compromisso mais importante do que entregar seu lixo tóxico: comer rosquinhas grátis. Mas, para livrar-se do silo⁴ de fezes suínas, rapidamente ele resolve jogá-lo no lago, derrubando placas de sinalização e o muro de contenção. Assim que o resíduo é lançado nas águas já claras do lago, ele fica totalmente negro e uma caveira – de morte⁵ – aparece dizendo a Homer que ele é mau. Este foge, mas o recurso já está irremediavelmente tomado pela contaminação que começa a provocar mutações em um mamífero que tem contato com sua água.

Essa cena transmite importantes significados: a esposa ao fazer um pedido – com tom de ordem – ao marido e ele atender quebra o estereótipo da família paternalista, na qual o homem é a autoridade máxima dentro do lar, e reafirma as características das personalidades de Homer e Marge, respectivamente: do adulto medíocre e confuso, que necessita, constantemente, de conselhos sobre como agir; ela, a mulher perfeita e segura de si, dá uma ordem ao marido – sabendo que seria atendida – “porque é tanto a proprietária do corpo quanto da alma de Homer” (Franzão, 2009, p. 50). Outra representação reafirmada é o descaso com o meio ambiente – quando Homer desiste de entregar os resíduos produzidos em sua residência para comer “rosquinhas grátis”. Um terceiro discurso é o da necessidade de temer a natureza frente à possibilidade de vingança dela – por isso Homer foge das proximidades do lago, apavorado, após sua atitude negativa de jogar o silo de fezes dentro desse local.

A seguir, o mutante aparece para outro personagem, Ned Flanders,⁶ que ao perceber suas modificações biológicas imediatamente as relaciona à obra divina. Muitas vezes, modificações ambientais não são ligadas a atitudes humanas e sim à vontade de entidades superiores. A cena é composta pelo personagem religioso do seriado, por isso reforça o discurso de caráter religioso.

⁴ No filme, eles usam o termo “silo”, apesar de não nos parecer muito adequado para a função que desempenhou, já que significa “construção impermeável para conservar cereais ou forragem verde”, decidimos preservá-lo (FERREIRA, 2008).

⁵ Essa figura é a típica caveira, comum nos desenhos animados, representando o mal, com dois ossos cruzados em sua região inferior.

⁶ Flanders é um vizinho da família Simpsons e a representação de um ótimo pai e homem religioso.

AGÊNCIA PROTEÇÃO AMBI

A Agência de Proteção Ambiental americana tem contato com esse mamífero mutante e, após estudos, conclui que as mutações são resultantes da poluição da água. Como medida para contê-la, eles decidem, juntamente com o presidente dos Estados Unidos, isolar a comunidade de *Springfield* no interior de uma cúpula feita de um material transparente e altamente resistente. A cúpula é uma metáfora que elucida o equívoco do poder público e a atitude irracional da opinião pública incapaz de entender a complexidade da questão ambiental quando trata dos agentes poluentes. Podemos também pensar que o filme elucida a discussão do poder que as corporações ecológicas vêm exercendo sobre a população com a intenção de preservar o planeta, sem medir as consequências de seus atos, como o de isolar a cidade de todo o contato. Colocar numa bolha pode significar que o contaminado tem que estar isolado. Mas será possível nos dias atuais separar o contaminado do supostamente “limpo”?

Após se verem presos em uma cúpula, isolados do restante do mundo, as autoridades municipais de *Springfield* decidem investigar o autor da contaminação do lago e descobrem o silo de fezes com o nome do Homer Simpson. A cidade unida resolve fazer justiça e capturar – não aquele que novamente poluiu o lago, mas – aquele que foi responsável por deixá-los presos em uma cúpula. A perseguição lembra uma caçada, os moradores saem com tochas acesas em busca de Homer e sua família, que o repreende, mas fica do seu lado. A multidão é composta por todos os moradores incluindo: a professora e o diretor da escola das crianças, o motorista do ônibus escolar, os policiais municipais, as irmãs da Marge Simpson e o próprio pai do Homer Simpson, passando a ideia de que quando se trata dos interesses próprios – como a liberdade individual – os valores humanos, familiares e a coletividade não são considerados.

Após a família Simpson conseguir fugir da multidão e escapar da cúpula, Homer sugere recomeçar a vida e diz ter um plano. Este é narrado não por linguagem oral ou escrita, mas sim por uma imagem, o que suscita seu grande envolvimento com a sociedade do espetáculo. Ele exibe seu plano com a imagem de um pôster do Alasca. Essa figura mostra uma paisagem coberta de neve, contrastando com algumas árvores bem verdes – já que a natureza deve ser sempre apresentada com paisagens exuberantes para conquistar o espectador (Guido; Bruzzo, 2008). Partindo da parte inferior do pôster há uma estrada que leva ao centro da imagem que é um belíssimo lago de água azul celestial. O desejo de Homer de começar uma nova vida em um ambiente tão natural, como o mostrado no pôster,

reafirma o discurso apontado por Wortmann (2007, p. 194) de que alguns ambientes “são locais de deslumbramento, nos quais todos os sonhos e histórias se tornam possíveis”.

Apesar da insistência e empolgação de Homer para a família partir para um “novo começo” em um novo lugar – com uma paisagem linda –, Marge sente-se “amedrontada” com a ideia de a família abandonar o local de origem. Mas seu medo talvez seja uma estratégia, da personalidade da personagem, para mostrar aos integrantes da família a importância de não perder os laços com suas origens. Essa conclusão se deve ao fato de a exímia e perfeita personagem não demonstrar (ou quase nunca possuir) sentimentos negativos, a não ser nos momentos em que precisa “fingir” que os possui para ensinar algo aos familiares. Assim, ela “procura resolver seus dilemas morais simplesmente deixando a razão guiar sua conduta, chegando a um admirável equilíbrio entre os extremos” (Franzão, 2009, p. 51).

Após um período morando no Alasca, Marge e seus filhos voltam para *Springfield* para ajudar a comunidade a salvar-se do plano da Agência de Proteção Ambiental americana que decidiu destruir a cidade após a revolta dos moradores contra o que a cúpula representava: o isolamento local do mundo externo.

A revolta da comunidade contra a cúpula – ou seja, contra o símbolo do poder opressor/dominador – remete-nos novamente a Foucault (2005) ao afirmar que o poder não é imóvel e pertencente a um único representante – no filme, o governo norte-americano – assim, circulando, o poder permite que os indivíduos possam estar em posição de submissão como também em seu exercício. Dessa forma, a sociedade de *Springfield* mostra a mobilidade do poder ao transpor da posição de dominados e submissos a proprietários do seu próprio poder.

Homer também volta, a princípio não com a intenção de lutar por *Springfield*, mas de recuperar sua família. Porém, devido a alguns acontecimentos ao longo da viagem de retorno, e devido ao seu amor à família – especialmente à Marge – ele muda de concepção e adere à luta. E é ele, juntamente com seu filho Bart, que consegue salvar a cidade da destruição e livrá-los da cúpula a que foram aprisionados. O fato de Homer salvar a cidade lhe deixa a marca de herói e a ideia de que aquele que comete erros pode ser bom e fazer coisas grandes para os outros. Outro estereótipo bem marcado nessa cena é o fato de os heróis serem do gênero masculino que, de acordo com Kindel

Considerações finais

A família Simpsons é conhecida mundialmente e participa ativamente da vida dos jovens e crianças contemporâneos, o que é confirmado na enorme receptividade de suas animações e no consumo de seus produtos.

Mas é incontestável que o desenho contenha discursos, críticos e cômicos, sobre temas atuais como: poder religioso; instituição familiar; rebeldia *versus* comportamento exemplar; consumo de recursos e destino de produtos industriais. Tais abordagens, se bem analisadas, participam na construção de significados importantes para o sujeito cultural e social; mas também podem atuar na formação de representações distorcidas e estereotipadas sobre o ser humano, os relacionamentos interpessoais e o meio ambiente.

O filme *Os Simpsons* traz uma importante abordagem da relação do ser humano com os recursos naturais, especialmente a água, com discursos sobre a poluição e suas consequências para os humanos e os não humanos. Porém a animação também ensina de forma distorcida e separa natureza de ambiente: aquela aparece como intocada, bela, este é tratado como passivo de ser destruído, poluído. Parece que a poluição da água/lago não interfere na natureza, que continua intocada e bela. Chamamos a atenção a partir dessa análise sobre a importância da educação na e pela mídia na sociedade contemporânea.

Referências

- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/Educação: aproximações. In: BUCCI, Eugênio (Org.). *A TV aos 50, criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. 201 p.
- BARTH, Mauricio. Bart Simpson: o último dos rebeldes. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*. v. 4. n. 2. dez. 2010.
- DÉBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa* dicionário. 7. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FRANZÃO, Cláudia Regina da Silva. *A intertextualidade geradora de sentido no gênero desenho animado de núcleo familiar "Os Simpsons"*. 178 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru (SP), 2009.

GUIDO, Lucia de Fátima Estevinho; BRUZZO, Cristina. O uso de imagens nas aulas de ciências naturais. *Revista Em Extensão*. Uberlândia, 2008, v. 7, n. 1, número especial, p. 43-54.

KINDEL, Eunice Aita Isaia. *A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais...* 195 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2003.

KINDEL, Eunice Aita Isaia. A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais... In: WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela; SOUZA, Nádia Geisa Silveira de; KINDEL, Eunice Aita Isaia. *Ensaio em Estudos Culturais e Ciência*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

LANGE, Talvani.; GIOVANETTI, Cecília Pires; ARAÚJO, Natália Serafim de; SCHNEIDER, Thaís Cristina. Alice no país da propaganda: um estudo da linguagem publicitária e sua recepção junto ao público infantil. p. 35-46. In: VIVARTA, V. *Infância e Consumo: estudos no campo da comunicação*. Brasília: Andi: Instituto Alana, 2009. 160 p.

MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura midiática e educação infantil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1203-1235, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n85/a06v2485.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

SEHN, Luize. "Sintonizando" *Os Simpsons*: discursos presentes na trilha sonora de um filme animado. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Pedagogia da Arte) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2008.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A natureza e a literatura infanto-juvenil. In: WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela; SOUZA, Nádia Geisa Silveira de; KINDEL, Eunice Aita Isaia. *Ensaio em Estudos Culturais e Ciência*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.